

Entre *A Maçã* e o *Jardim*: um estudo sobre as representações arquetípicas-mitológicas do feminino em revistas durante os Anos Loucos no Rio de Janeiro (1918 - 1922)¹

Beatriz Gonçalves Veloso

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Departamento de Comunicação Social – Bacharelado em Jornalismo

RESUMO

Atualmente, muito se fala sobre a necessidade da representatividade feminina. Contudo, em um primeiro momento, faz-se pertinente conhecer a história da representação das mulheres, visto que esta está ancorada e surge como um contraponto da outra. Dessa forma, em um primeiro momento, este artigo visa a investigar como os arquétipos cunhados por Jung, inconscientemente, contribuíram para a construção das narrativas mitológicas de deusas como Afrodite e Deméter. Posteriormente, também pretende analisar as repercussões de tais projeções mitológicas e ideais femininos nos semanários *A Maçã* e *Revista Feminina* — um voltado ao público masculino e o outro ao feminino, respectivamente. Por fim, o que se infere do seguinte trabalho foi a existência de um projeto de nação orientado política e ideologicamente segundo parâmetros higienistas da elite branca carioca que delimitavam homens e mulheres a papéis fixos e imutáveis.

PALAVRAS-CHAVE

Arquétipo; Mitologia; Revistas Ilustradas; *A Maçã*; *Revista Feminina*.

1.Introdução

O psiquiatra Carl Gustav Jung, pupilo e depois dissidente de Sigmund Freud, dedicou a maior parte de sua vida a estudar os elementos constitutivos do inconsciente e seus mecanismos de ação. Fascinado pelo fenômeno de diferentes sociedades ao redor do mundo compartilharem impressionantes semelhanças a despeito de suas enormes diferenças culturais, Jung elabora a teoria do *Inconsciente Coletivo*. Para ele, a existência de mitos compartilhados, mundialmente e por séculos, era a prova cabal da presença de uma estrutura na psique humana que preservaria padrões atemporais, em uma espécie de “memória coletiva”. Tais padrões, posteriormente, foram conceituados como arquétipos, e podem facilmente ser identificados em

¹ Artigo derivado de monografia de graduação em Jornalismo, orientada pela professora Rose Esquenazi e entregue em dezembro de 2020.

mitologias, literaturas, filmes ou em outras manifestações culturais que visam a retratar personagens universais. Assim, as pesquisas de Jung tiveram ampla validação no campo das ciências humanas, proporcionando base para estudos culturais nesse viés.

Partindo dessa premissa, o seguinte artigo tem como chave hermenêutica a leitura arquetípica proposta pelo psicoterapeuta Carl G. Jung. Pretende-se explorar como diferentes arquétipos foram incorporados e reproduzidos em figuras míticas, mais especificamente nas deusas gregas Deméter e Afrodite. Logo, em um segundo momento, o trabalho irá traçar um paralelo entre as deusas e dois veículos brasileiros da década de 1920 - especificamente as revistas *A Maçã* e a *Revista Feminina* - tendo como objetivo demonstrar que tais publicações reiteram os arquétipos que são encontrados em cada deusa pelo modo como concebem a representação do feminino. Deméter é conhecida como a deusa mãe, a divindade da terra cultivada e símbolo da fertilidade e maternidade. Por outro lado, Afrodite é conhecida como a deusa do amor e da sedução, irresistível aos homens e aos deuses, libertina e eternamente infiel. Dessa forma, o trabalho pretende demonstrar como essas representações arquetípicas do feminino no Ocidente ecoam nos impressos femininos, voltados para os gostos comuns das mulheres, e igualmente nos destinados ao público masculino.

A metodologia adotada na pesquisa é a de investigar comparativamente dois veículos da década de 1920. São eles: *A Maçã* (1922 - 1927), de Humberto de Campos, que evocava e reproduzia uma imagem da mulher inspirada em padrões estéticos franceses, provocantes e sedutoras; e *A Revista Feminina* (1914 - 1936). Voltada para o público feminino, essa publicação adequava-se mais à figura de Deméter, uma vez que as mulheres eram valorizadas pelas suas capacidades de maternagem e de esposa ideal. Para o aprofundamento da pesquisa mitológica, foram adotados como referências autores que estudaram a natureza e as implicações da mitologia grega, tais como Juníto Brandão, Mircea Eliade e Martha Robles.

O artigo, desta forma, foi segmentado em cinco etapas. Em um primeiro momento, o trabalho terá como foco a narrativa mitológica das deusas gregas Afrodite e Deméter, assim como suas características principais. Posteriormente, será evidenciado o contexto das revistas futuramente tratadas: A cidade do Rio de Janeiro da década de 1920, e o projeto de nação que o país estava inserido, assim como suas principais repercussões no comportamento binário masculino e feminino.

E, por último, o artigo dissertará sobre as revistas *A Maçã* e a *Revista Feminina*, no que tange às representações do ideal de mulher em cada contexto e também para cada público-alvo, de acordo com os respectivos arquétipos encontrados em Afrodite e em Deméter. Seguido das considerações finais, com o propósito de questionar e instigar até que ponto as mulheres poderiam ser consideradas sujeitos ou objetos em cada representação.

2. Afrodite e Deméter

De acordo com Junito Brandão em seu *Dicionário Mítico-Etimológico*, não existe um consenso entre os estudiosos sobre a origem etimológica da deusa Afrodite. O que se sabe é que os gregos conheciam um hipocorístico (palavra ou prenome com intenção de expressar carinho ou trato amoroso) denominado *Aphrós*, que simbolizava espuma; em uma clara alusão a uma das versões dos mitos da deusa que teria nascido de uma “espumarada”, provocada no mar pelo sangue e esperma de Urano, que teve seu órgão mutilado e arremessado no mar por Crono. De qualquer forma, é sabido que a procedência de Afrodite de *Aphrós* teve a honra de ser mencionada até por Platão em sua obra *Crátilo*: “pelo fato de ter nascido da espuma” (BRANDÃO, 1991, p.29).

Assim como Deméter, que será abordada posteriormente, e sua profunda relação com Core, Afrodite também é inseparável de Eros - que, em algumas vertentes, é considerado seu filho, fruto do seu amor com Zeus. Juntos governam o secreto e o público e são deliberadamente perturbadores, indiscretos e intimidadores. “Com aparente ingenuidade contemplam-se a jovem formosa e o menino alado como um par de criaturas inofensivas; porém, são capazes de sacudir até as pedras e de remover as mais duras camadas protetoras do coração” (ROBLES, 2019, p.76).

Segundo a escritora Martha Robles, em *Mulheres, Mitos e Deusas: O Feminino através do Tempo* (2019, p.77), a libertina Afrodite com seu cinto mágico e Eros com seu arco e flecha são responsáveis pela corte e sedução. Se Eros funde, Afrodite aproxima e provoca o desejo. Logo, os corpos se embelezam, os sentidos se apuram e todos os movimentos se revestem de doçura por parte dos enamorados. A dupla também é responsável por suscitar ciúmes, desencadear tragédias e proporcionar satisfações harmônicas derivadas do reconhecimento sexual para aqueles que absorvem o “elixir afrodisíaco”.

Dessa maneira, a deusa libertina jamais se importou com fertilidade, pois para essa função já existiam as deusas protetoras do casamento e da família. Ela tampouco praticou virtudes domésticas, e a sua “identidade não corresponde a qualquer tipo de amarra”. Vejamos a definição de Robles:

Eterna infiel, desleal e batalhadora, a portadora do amor se caracteriza por sua argúcia ardilosa. Sua magia inclui o mistério da transformação e, apesar da raiva que desperta em outras mulheres e deusas, somente ela é capaz de administrar a paixão e manipular a humanidade em seu capricho. Ela cura, restaura, une os diferentes, embeleza o feio, encontra metades perdidas, reconcilia, ilumina, enfeitiça o instinto, torna cego o mais lúcido dos seres humanos e lhe prodigaliza satisfações que não podem ser substituídas por quaisquer outros deleites. (ROBLES, 2019, pp.77 e 78)

Afrodite, na *Ilíada* de Homero, é amante de Ares, o deus da guerra, e juntos são incontrolláveis sexualmente, ratificando a relação entre o batalhar e o amar, assim como a ação e o impulso. Porém, a deusa escolheu como esposo o coxo Hefesto, filho de Hera, e imediatamente após a união ser estabelecida, começa a traí-lo. Feio e trabalhador dos metais, Hefesto era apaixonado por Afrodite e a amava acima de tudo, porém, a “libertina” não correspondia na mesma intensidade, continuando a semear deleites no reino dos instintos, como se pode conferir em uma das histórias mais difundidas e divertidas sobre a deusa.

Martha Robles (2019, p. 80) relata que um dia, Afrodite estava traindo mais uma vez seu marido com o amante Ares. Os dois permaneceram por tempo suficiente juntos no leito, e os raios de Hélios, “o deus que tudo vê”, os delatou ao marido coxo. Hefesto, dessa forma, em um ímpeto de ciúme e raiva, armou uma trama de bronze finíssima, quase imperceptível e muito resistente em todos os lados do tálamo nupcial, para que quando os amantes se encontrassem de novo ficassem presos e fossem capturados.

Assim, o coxo planejou uma viagem para a Ilha de Lemnos para que o casal pudesse ser pego em flagrante. Porém, o plano não saiu como planejado e quando os dois amantes quiseram se levantar, raciocinaram que teriam que esperar o regresso do marido traído, aproveitando a oportunidade para “continuar os amores que haviam interrompido”. Nesse momento, Hefesto cheio de raiva não se contentou apenas com o flagrante, mas também convocou a Assembleia dos Deuses em altas vozes para que todos testemunhassem de sua desonra.

Porém, a reação do público não se pareceu em nada com a que ele esperava. Por parte das deusas, todas demonstraram um “falso pudor”, se negando a prestigiar tal acontecimento imoral. Já os deuses, não se comoviam com a causa de Hefesto, visto que todos presentes eram apaixonados por Afrodite e gostariam de encarnar o sorriso de satisfação presente nos lábios de Ares. Hefesto, portanto, logo começou a espumar de raiva, exigindo a Zeus que devolvesse os presentes que havia dado como dote de um casamento até então “falido”.

Zeus, não desejando devolver os presentes, ditou sua sentença: “não competia a ele, o Pai do Céus, nem a nenhum dos deuses olímpicos ali presentes, intervir nos assuntos particulares entre marido e mulher”. E caso fosse necessário alguém sentir algum embaraço, esse era digno do próprio Hefesto por ter exposto sua mulher nua aos olhos de todos junto a um amante viril e unanimemente mais competente que ele. O coxo, por outro lado, parecia uma “comadre vulgar” segundo a descrição de Robles, sendo motivo de piada por todos presentes.

A história termina com Ares regressando à Trácia para evitar maiores problemas. Afrodite, por sua vez, foi enviada para Pafos, ilha nativa de Creta, a fim de restaurar sua virgindade com a espuma do mar. Dessa forma, Hefesto ficou marcado como o mais ingênuo dos “cornos” de todos os tempos, e Afrodite, que nunca chegou a se divorciar de seu marido, continuou a se deleitar com seus múltiplos amantes.

Deméter, assim como Afrodite, também não possui uma etimologia definida até o momento. A mais espalhada e ventilada entre os especialistas é a de que o nome seria formado por um composto de “Terra” e de “Mãe”. Filha de Crono e de Reia, a deusa maternal pertenceu à segunda geração divina dos deuses olímpicos (BRANDÃO, 1991, pp.271 e 272), gozando de uma posição especial no Olimpo por ter sido eternizada como a “padroeira das colheitas”.

Deméter também é considerada a deusa do lar doméstico e dos campos das cevadas (ROBLES, 2019, p.63) e o culto a sua deidade era levado muito a sério por todos os helenos da Grécia Continental à Grécia Asiática que visavam a ter prosperidade em suas safras. Tanto no mito quanto no culto, a deusa estava associada indissoluvelmente à sua filha Core, formando uma dupla majoritariamente denominada de *As Deusas*. Logo, as aventuras e sofrimentos das duas constituem o mito central de Deméter.

No mito, Core crescia tranquila e feliz entre as ninfas e em companhia de Ártemis e Atena, quando um dia, seu tio Hades, que a desejava, raptou-a com o auxílio de Zeus. A situação se deu da seguinte forma: Core colhia flores no campo e Zeus na intenção de atraí-la, colocou um narciso ou um lírio na beira de um abismo. Dessa forma, quando a filha de Deméter se aproximou da flor, a Terra se abriu e Hades apareceu e a conduziu para o mundo subterrâneo.

No momento em que estava sendo arrastada para o abismo, Core deu um grito tão agudo que Deméter correu ao seu encontro, porém não conseguiu chegar a tempo, nem tampouco perceber o que havia acontecido. A partir desse momento, começou a dolorosa tarefa da deusa em procurar a filha, percorrendo o mundo inteiro com uma tocha acesa em cada uma das mãos. Durante nove dias e nove noites sem beber, comer ou se banhar, a deusa errou pelo mundo (BRANDÃO, 1991, p.273).

A tristeza e ira da deusa alcançou tal ponto que uma seca terrível se abateu sobre a terra. Assim, os camponeses que dependiam das plantações começaram a suplicar a deusa da maternidade e da terra fecunda para que ela aplacasse sua ira, no que Deméter respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos deuses, nem tampouco permitiria a vegetação crescer, enquanto não tivesse sua filha de volta. Com a situação tomando rumos insustentáveis, o rei dos infernos curvou-se à vontade de Deméter porém, com uma condição, Core que agora era "Perséfone passaria quatro meses com o esposo e oito com a mãe" (BRANDÃO, 1991, p.273) pois já havia se enamorado por Hades.

O desfecho ou a chave mística da história se baseia no momento em que Deméter, por fim, compreende que Core já havia se tornado Perséfone, criando o inverno para espelhar sua tristeza, com "árvores sem folhas, campos ressequidos e flores emurchecidas" (ROBLES, 2019, p.66). Porém, quando finalmente se estabelece o reencontro entre mãe e filha, após longos anos de sofrimento, a terra cobriu-se, instantaneamente, de verde (BRANDÃO, 1991, p.273). Segundo Robles, Deméter se comprometeu a estabelecer o verdor da terra por tempo suficiente para que pudessem crescer as sementes. Porém, nos meses restantes, quando sua filha voltava a reinar sobre a mansão dos mortos, a terra se deparava com uma estação hibernal, em um cenário sombrio e desesperançoso.

3. Um projeto de nação brasileira

O centenário da Independência. A Crise da República Velha. Um governo em estado de sítio. A marcha da Coluna Prestes. A Semana de Arte Moderna. O movimento feminista de Bertha Lutz. Pode-se falar que a década de 1920 registrou uma série de acontecimentos históricos para o Brasil, com muitos desses protagonizados na capital, até então, o Rio de Janeiro. Após a I Guerra Mundial e a devastação causada pela Gripe Espanhola, a nova década rompia com os padrões pré-estabelecidos, nos campos da política, dos movimentos sociais e das artes; e já se entendia enquanto “antes e depois”, “velho e novo”, com um moderno calendário cultural demarcando o imaginário de todos (STAMBOWSKY, 2019, p.25).

A grande questão que se estabelecia era: “O que conservar e o que transformar?” nos mais diversos aspectos da sociedade, entre eles, o comportamental. De acordo com Marisa Stambowsky (2019, p.121), entre as inúmeras transformações verificadas nos sistemas de gostos, atitudes, crenças da década de 1920, pode-se dizer que foi no campo das constituições identitárias e das relações de gênero que elas se manifestaram de forma mais intensa. Na maior parte do mundo ocidental, o desmantelamento de antigas formas de feminilidade gerou uma verdadeira reorganização das dinâmicas sexuais e sociais, alterando o cotidiano de homens e mulheres e consequentemente de suas relações.

Porém, da mesma maneira que as mudanças eram inevitáveis, um clima de profunda perturbação, por parte de alguns setores da sociedade também era. A preocupação com a identidade e com os papéis designados às mulheres era tanta que políticos, legisladores, médicos, sociólogos e professores se uniram em esforços para delimitar quais seriam os deveres e responsabilidades femininas; tendo em vista proteger umas das maiores instituições do país: a família tradicional brasileira. Logo, a possibilidade da “extinção de fronteiras entre gêneros” era execrada. Assim como a chamada “civilização sem sexos” que gerava uma enorme ansiedade naqueles que detinham os privilégios sociais.

Vale destacar que em plena década de 1920, segundo o Código Civil de 1916, as mulheres casadas que quisessem trabalhar fora de casa precisavam da autorização do marido. Dessa forma, a legislação vigente na época não visava à igualdade de direitos, mas sim a “papéis complementares”. De acordo com Marina Maluf e Maria

Lúcia Mott, vários preceitos do Código sacramentavam a inferioridade da mulher casada em relação ao marido:

Ao homem cabia a representação legal da família, a administração dos bens do casal e dos particulares da esposa conforme o regime matrimonial adotado e o direito de fixar ou mudar o local de residência. A esposa era dependente e subordinada ao marido. (MALUF;MOTT, 1998, p.376)

Logo conclui-se que o papel da mulher estava destinado e atrelado ao casamento e às tarefas que decorriam dele. Ou seja, filhos, trabalho doméstico e cuidados com a casa de modo geral. Além disso, ela também deveria ser submissa ao homem, honrando-o, nunca o importunando com nenhuma das questões domésticas, e fechando os olhos para seus deslizes, já que ao homem cabia a tarefa de trazer o sustento para o lar. Além disso, era permitido que o homem usasse a violência, podendo esta ser considerada legítima, dependendo da justificativa dada por ele. Não é de se chocar os inúmeros casos de "homicídios passionais por amor" ocorridos nas três primeiras décadas do século XX.

Dessa forma, o projeto eugenista protagonizado pelos médicos cariocas de 1920 que se baseava na "família tradicional brasileira" influenciou diversas atividades, tais como a educação, o saneamento, a higiene, o esporte, a legislação e tudo o que, "beneficiando o homem", se direcionasse "direta ou indiretamente em benefício de sua prole". Com foco na reprodução, tal ciência também proporcionou "fronteiras perfeitamente delimitadas", tendo em vista "melhorar e proteger a espécie, pelo melhoramento e pela proteção das boas sementes e de seus portadores" para a defesa da "espécie, pela manutenção e multiplicação de boas linhagens" (KEHL, Boletim, 1929, I, 8, p. 1).

Tal projeto de país baseado em conceitos patriarcais como de homem provedor e viril e mulher submissa e virginal serão reverberados nas produções e representações do ideal de feminino que serão vistos a seguir com a análise das revistas *A Maçã* e *a Revista Feminina*.

4. A Maçã e a Revista Feminina

A revista *A Maçã* foi lançada no dia 11 de fevereiro, em pleno Carnaval de 1922. De acordo com Aline Haluch (2006, p.75), tal data certamente não foi escolhida de

forma aleatória, pois, em geral, “é no Carnaval que as pessoas se revelam em suas fantasias secretas e perdem o pudor exigido pela sociedade nos outros dias do ano”. Dessa forma, naquele ano, a folia anual foi bastante explorada nas páginas da revista, com fortes doses de erotismo, sensualidade e duplo sentido.

Direcionada ao público masculino, trazia contos, crônicas e comentários picantes, muitas vezes constrangedores. Além de textos, o semanário também contava com ilustrações e clichês tipográficos, caricaturas, fotografia e uma diagramação dinâmica, resultando em uma integração primorosa entre imagem e texto. Dessa forma, pode-se dizer que a publicação ocupou um lugar muito peculiar na história editorial brasileira como uma revista erótica, de humor e literária.

Ilustrando mulheres bonitas e sensuais, a revista inovava justamente por explorar novas possibilidades de comportamento feminino, que “pela primeira vez pareciam gozar de certa igualdade com os homens” (HALUCH, 2006, p.139). Mulheres essas que poderiam ser prostitutas ou a “nova mulher” que, “embora sagrada, tinha seus deslizes”:

Havia várias representações da mulher nas páginas de *A Maçã*. Às vezes era a melindrosa frágil, delicada e quase inocente; outras, a *cocotte*, a prostituta de luxo, seminua, com ousadas lingerie; ou ainda, a mulher elegante da alta sociedade, muito bem vestida, escondendo-se do marido por estar com o amante. (HALUCH, 2006, p.132)

Como o próprio nome sugere, em uma clara alusão ao mito bíblico, *A Maçã* brincava o tempo todo com a noção de pecado e com o arquétipo da tentação. Com um rico referencial simbólico-metafórico, os principais elementos que compunham a identidade visual da revista eram: a mulher, a maçã, o vermelho como cor predominante, e a relação entre homem e mulher envolvendo tentações, traições, e eventualmente, prostituições:

(...) a mulher ali representada não traz uma expressão que a deprecie, seu olhar interpela o leitor, sua postura é ereta, com o quadril projetado para frente e as mãos pousadas sobre eles. Ela está bem “senhora de si” e tem uma expressão de poder e de enfrentamento. (HALUCH, 2006, p.78)



Capas da revista *A Maçã* dos dias 15/2 e 22/4/1922, respectivamente.

De acordo com Aline Haluch, em seu livro *A Maçã: Objeto de desejo*, também estava presente no semanário uma comparação direta entre “a mulher e o fruto”, como se ambos estivessem prontos para serem devorados. Dessa forma, em diversas ocasiões, o verbo “comer” era usado com um duplo sentido, e logo na primeira edição da revista a legenda na capa era: “A Eva moderna - das frutas esta será sempre a mais sã...” (HALUCH, 2006, p.75):

Vemos aí uma das matrizes da ideia de que as mulheres são, por natureza, manipuladoras. Eva é por excelência o modelo da manipulação, a mulher que nos papéis de esposa e mãe organiza de modo sistemático a dicotomia entre os gêneros. A mulher seria manipuladora e dissimulada por excelência ... O homem mais malicioso não alcança uma mulher nessa *timanha*.??? “Toda malícia é leve (leia-se “masculina”), comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre elas (Eclesiastes 25:26 - Bíblia Ave Maria). NOGUERA, 2017, p.128)

Sendo assim, faz-se necessário perceber a conexão entre alguns mitos judaico-cristãos com antigas tradições pagãs gregas, como é o caso da associação da figura de Eva com Afrodite. Afinal, assim como os arquétipos persistem, “o machismo há de sempre construir e perdurar a culpa no corpo feminino, fazendo os mesmos downloads e atualizações para manter a desvalorização e discriminação” (SILVA in: NOGUEIRA, 2017, p. 12).

Dito isto, as mulheres retratadas em *A Maçã* e Afrodite possuem muitos pontos arquetípicos em comum. Como por exemplo os arquétipos da beleza, do amor físico, da tentação, da traição e, por fim, o da prostituição. Sendo assim, as mulheres do semanário eram retratadas como:

[...] mulheres profanas, as prostitutas de luxo, que tinham liberdade e poder de enfrentamento perante seus amantes. A representação que se fazia delas, no entanto, destacava suas qualidades [...] no seio de uma sociedade moralista [...] Eram mulheres belas, independentes, que se vestiam bem e tinham poder sobre os homens, [...] convivem juntas a prostituta e essa nova mulher que, embora sagrada, tinha lá seus deslizes. (HALUCH, 2006, p.118).

Ou seja, em *A Maçã*, as mulheres tinham suas características internas e externas pautadas pelo olhar masculino, este sendo constantemente retratado como um alvo a ser domado, traído, manipulado ou conquistado. Na maioria das histórias do semanário e dos mitos gregos, tal relação de dominação e submissão é facilmente observável na presença de metáforas com animais. Afrodite seria uma deusa possuidora de um desejo ardente e de uma força sexual irrefreável e irresistível e, dessa forma é frequentemente representada entre animais ferozes, que a escoltam (Hh. a Afrodite apud BRANDÃO, 1991, p.35).

Se Afrodite estava no nível dos animais ferozes, os homens de *A Maçã* eram animalizados em forma de cão, arara, serpente ou gato (HALUCH, 2016, p.77). Ou seja, animais domésticos ou alusivos ao mito bíblico, “ambos de fácil manipulação” que retratavam o campo simbólico e a esfera privada dos relacionamentos. Enquanto os homens “almofadinhas” só esbravejavam como “araras”, as mulheres retratadas pela revista eram vistas como argilosas, ambiciosas, traidoras e, por fim, algumas, como prostitutas. (CUPELLO, 2013, p. 68).



Na capa de primeiro de abril de 1922, o homem sendo representado por uma "avis rara": a arara. "Que não come... gosta apenas de cheirar".

Dito isto, recapitulemos, brevemente, a história de Afrodite e Hefesto. Afrodite, a deusa da beleza, cobiçada por todos os deuses e mortais, resolve se casar com o ferreiro coxo Hefesto. O marido que já havia escutado algumas histórias envolvendo a traição de Afrodite com seus infinitos amantes, resolve elaborar uma armadilha para capturar e punir o suposto "adultério" em flagrante. Dessa forma, parte para uma viagem para Ilha de Lemnos, a fim de que a deusa convidasse seu amante Ares para seu "tálamo nupcial" (ROBLES, 2019, p. 82 e 83).

Pois bem, a revista *A Maçã*, na edição do dia 7 de fevereiro de 1925, publicou uma crônica chamada "Punição", em que o autor, o Almirante Justino Ribas, narra a história de D. Edith, "uma das senhoras mais lindas e que melhor se vestiam nos altos círculos mundanos da cidade". Destacada pela sua "doçura" e a "pureza do seu coração", a personagem construída pelo pseudônimo de Campos era "alta, forte e esbelta, os vestidos, por mais simples e despretensiosos, sempre lhe ficavam bem" (CUPELLO, 2013, p.66).

Em contraste com tanta "beleza", D. Edith era casada com o Dr. Avertano Mathias que na crônica era qualificado como tendo "feições quase de um Quasímodo". Ou seja, "era um dos homens de pior aparência do Rio de Janeiro" (Ribas, *A Maçã*, 07/02/1925, III, 157, s/p). Logo, a crônica se passa quando o Dr. Avertano, por causa de problemas financeiros, precisa afastar-se da cidade:

E “esse chamado tão brusco, tão inesperado, em uma época de festas, de bailes, de tentações mundanas, fê-lo pensar de súbito, no perigo a que se expunha deixando a sua mulher, tão linda e tão cobiçada, sozinha no Rio de Janeiro” (Ribas, *A Maçã*, 07/02/1925, III, 157, s/p). Preocupado com a situação, o Dr. Avertano chamou-a para conversar e declarou todo seu medo de ser traído em sua ausência. Ao que ela o respondeu: “Ora, filhinho, tu tens coragem de dizer-me isso? [...] Se não te engano quando tu estás perto de mim e eu te vejo todos os dias, como é que faria isso longe de ti, sem esse incentivo para a traição, para o crime, para o pecado?”. (CUPELLO, 2013, p.67)

Assim, a crônica se encerra com a frase interrogativa de D. Edith, que exemplifica como era uma relação marital caricata e estereotipada do período. Vale dizer, também, que ao longo da crônica, podemos verificar uma constante crítica aos casamentos que não eram constituídos pelo afeto ou respeito recíproco, mas por interesses financeiros, que, segundo as críticas da revista, eram preponderantes na elite da época. (CUPELLO, 2013, p.67).

Logo, após a narração do mito de Afrodite e da crônica “A Punição”, é possível traçar muitos paralelos entre ambas as histórias. O primeiro seria a semelhança estética das duas protagonistas, tanto Afrodite como D. Edith - que chegam até a rimar - eram exaltadas enquanto sua beleza física. O segundo ponto é o contraste apresentado pelos seus respectivos cônjuges, Afrodite casada com um coxo e Edith com um Quasímodo. O terceiro ponto seria as idas e vindas do ente supostamente traído do casal, que sempre daria abertura para adultérios em sua ausência. E, por último, o aspecto traiçoeiro, irônico e sórdido presente em ambas as personagens que usufruíram possivelmente de múltiplos amantes, sem culpa.

A *Revista Feminina* foi fundada em 1914, por Virgilina de Souza Salles, intelectual feminista brasileira, e circulou até 1936. Entendida como a primeira revista brasileira voltada ao público exclusivamente feminino, inicialmente, tratava-se de um folheto quinzenal intitulado *A Luta Moderna*. Dessa forma, a publicação contou com a distribuição nacional de 30 mil exemplares gratuitos, ao longo das suas sete primeiras edições, para 60 mil assinantes em potencial (BESSE, 1999, p. 27).

Importante frisar que tais assinantes em potencial, assim como o público-alvo da revista, espelhavam o cotidiano de sua fundadora. Ou seja, assim como Virgilina, que pertencia a uma das mais tradicionais famílias paulistas, eram mulheres minimamente letradas e que em plena década de 1920 galgavam profissões no novo

mercado de trabalho e podiam bancar como valor de dois mil e duzentos réis da revista (ABRANTES, 2006, p.2 apud CUPELLO, 2013, p. 31).

Com as fronteiras de gênero milimetricamente expressas em uma sociedade ditada por uma elite eugenista, não é de se espantar a presença majoritária de conteúdos voltados aos “costumes femininos” nas páginas da *Revista Feminina*. Assim, eram muito comuns artigos relacionados às novas modas europeias, a formação de filhos e as melhores maneiras de cuidar de uma casa. Segundo Sandra Lucia de Lopes Lima:

A Revista Feminina foi uma das mais importantes publicações para mulheres no Brasil do início do séc. XX. Fundada por uma mulher, tinha o objetivo de oferecer recreação, mas sua principal intenção era educar as mulheres para os papéis de esposa e mãe, os mais importantes de suas vidas, através de mensagens moralizadoras que conduziam ao comportamento desejado. (LIMA, 2007, p.221)

Logo, a maternidade era um tema constante dos contos e crônicas na *Revista* e o arquétipo de mãe era exaltado. O mote de que “não há riqueza que compense a falta de filhos” era muito ressaltado, assim como a importância da amamentação e de muitas vezes existir a necessidade de a mãe abdicar de sua vida social para se dedicar exclusivamente aos filhos. (LIMA, 2007, p.231).

Outra questão muito invocada na revista, além da maternidade, era o papel da mulher-esposa. Ou seja, a ênfase ao matrimônio, que na época se constituía como um desafio por si só; pois era necessário conciliar o incentivo ao desejo sexual desmedido masculino, com a necessidade das mulheres de serem pudicas com um semblante virginal, só podendo ter relações sexuais após o casamento. Logo, a revista em diversos momentos incentivou as mulheres a continuar “neste reto caminho”.

E para compor o tripé mulher-esposa-dona de casa, a *Revista Feminina* também representava a mulher como a “gerente do lar”, proporcionando dicas de como aprender a tratar de forma racional seu orçamento mensal, por exemplo. O artigo assim intitulado: “O que toda mulher deve saber”, buscava justamente ensinar a fazer um balanço mensal do orçamento, alertando às mulheres que “um lar mal gerido é um lar arruinado” (Rev. Fem., 01/1915, p. 4).

De acordo com Priscila Cupello, o universo apresentado pela revista girava em tornos de assuntos bastante “típicos”:

[...] como moda, culinária, cuidado com os filhos. Também trazia “grande variedade de poemas, contos e pequenas peças de teatro, com a colaboração de renomados escritores nacionais [...] além de algumas traduções de obras estrangeiras” [...] Além desses entretenimentos, a revista buscava ativamente avivar debates importantes para as mulheres do período [...] já que a mesma havia sido fundada com o objetivo de atender aos interesses e demandas dessas “filhas de boa família” da elite que buscavam responder às novas questões femininas do período. Desse modo, a revista tratava de discutir “o papel da mulher na sociedade brasileira; educação das crianças; voto feminino; educação feminina; o feminismo; trabalho feminino; congressos femininos”. (ABRANTES 2006, p.3 apud CUPELLO, 2013, p.72)

Para a *Revista*, por mais que fosse incentivada a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a maternidade era tida como o fim último da existência. “Não há riqueza que compense a falta de filhos” era uma sentença dita em exaustão e que resumia o pensamento vigente. Dessa forma, a abnegação da vida social em prol de uma vida dedicada exclusivamente aos filhos era estimulada, assim como terceirizar os cuidados dos pequenos às babás e cuidadoras, era tido como “pouca dedicação” (LIMA, 2007, p.231).

Tal empenho e generosidade em abundância, não só aos filhos, mas também ao marido e a casa, resultavam em mulheres exaustas, que muitas vezes eram retratadas com semblantes entristecidos. Na edição de janeiro de 1920, a *Revista* publicou um poema intitulado “Minha Mãe”, de Emilian Delminda, que faz jus ao conceito abordado até aqui: a “Martyr do Tempo”. Ou seja, uma “coitada” que dedicou a sua vida ao tripé esposa-mãe-dona de casa, e agora no fim da vida, sem mais as “brumas do passado” se encontra com um olhar perdido, tristonho e indiferente:



MINHA MÃE

*Fronte pendida, olhar triste, desvirado,
fita um ponto qualquer, e esmo, indiferente,
como que a procurar nas brumas do Passado,
um lampejo de vida extinta lentamente.*

*De quando em quando um ai tristíssimo, doente,
rasga-lhe o coração exausto e lacerado;
Vive como se a Dor, inexoravelmente,
no sudário da morte a tenha amortalhado.*

*Sob a aureola de cans o rosto macilento
tem a viva expressão do longo sofrimento,
das saudades letais da vida consumada;*

*no entanto, muita, vez envi—que foi entr'ora
um sorriso de estrela, um rosicler de aurora,
—ella, a martyr do Tempo—a minha mãe, coitada!*

Emiliana Delminda

A melancolia materna presente no poema de Emiliana, faz jus ao sofrimento de Deméter. Ambas as figuras, tanto as mães da *Revista Feminina*, quanto a deusa grega, viviam em um “longo sofrimento” com “saudades da vida consumada”. Nesse sentido, o lampejo de vitalidade que havia acabado para Deméter seria aquilo que restou após o rapto de sua filha Core; e já para a mãe de Emiliana, a “vida consumada” seria representada pelos filhos já crescidos e casados que, de certa forma, também teriam sido “raptados” para morarem com suas famílias. Como em uma alegoria, o “rapto” dos filhos crescidos vinha junto com o sequestro do pilar formador da existência e da identidade “de outrora” das mulheres daquela época: ser mãe.

Outro poema, desta vez encontrado em uma edição de 1925, na *Revista Feminina*, poderia ter sido facilmente escrito por Hesíodo na *Genealogia dos Deuses* ao homenagem a Deméter. *Mãe*, escrito com o pseudônimo de “Aranha” representa integralmente o arquétipo da figura materna dedicada, abnegada e, por fim, sofredora:

Mãe

Nas longas noites escuras.

Quando o doentinho estremece

És tu que a vigília aturas,

Nas longas noites escuras

E aos altos céus tu murmuras

Cheia de fé, tua prece

Nas longas noites escuras.

Quando o doentinho estremece. (Aranha, Rev. Fem., 05/1925, s/p).

O último trecho escolhido, que faz jus à realidade de muitas mães de primeira viagem com bebês recém-nascidos, ou ainda com crianças menores dependentes dos cuidados maternos, facilmente se entrelaça com o mito de Deméter. Nas noites escuras em que a deusa errava a fim de encontrar seu “rebento”, Core estremecia no mundo subterrâneo, e dessa forma, Deméter clamava a todos os possíveis deuses para que pudessem ajudá-la. Já a possível ajuda em socorrer os filhos, por parte das figuras paternas, não era nem sequer cogitada pela *Revista*, que cumpria com o papel pedagógico de instruir as mães da década de 1920.

5. Considerações Finais

O seguinte trabalho se constituiu a partir de uma hipótese, no que tange aos padrões estruturais das representações da figura feminina. Nesse sentido, buscou-se investigar como os arquétipos, cunhados por Jung, em um primeiro momento, contribuíram para as narrativas mitológicas das deusas gregas Afrodite e Deméter. Posteriormente, investigou-se como tais ideais femininos e projeções mitológicas foram ilustradas em revistas cariocas na década de 1920, voltada ao público masculino, como em *A Maçã* e direcionada às mulheres, como na *Revista Feminina*.

A questão interdisciplinar, entre os campos da história, da psicologia e da comunicação social, presentes e desenvolvidos nesta pesquisa, se traduz como relevante para o meio acadêmico e para a sociedade dos dias atuais, tão pautada em questões de representatividade das minorias. Pois, citando o filósofo Renato Nogueira: “A narrativa mítica permite algumas interpretações psicológicas e

filosóficas sobre o papel da mulher, assim como revelam aspectos sociais, antropológicos e históricos da sociedade” (NOGUEIRA, 2017, p.14).

Dessa forma, como resultado, o presente artigo foi capaz de narrar os mitos envolvendo as deusas gregas Afrodite e Deméter, contextualizar o projeto de nação presente na década de 1920, e o espaço do gênero feminino em tal recorte histórico. Contudo, o principal objetivo deste trabalho era traçar os possíveis paralelos entre os arquétipos presentes nas duas deusas gregas, Deméter e Afrodite, com os ideais femininos presentes em revistas para o público masculino e feminino, respectivamente *A Maçã* e a *Revista Feminina*. Tal espelhamento foi possível por meio da coleta de dados bibliográficos de tais revistas, como fotos, textos e poemas, que refletiam os mesmos arquétipos das deusas presentes na *Teogonia* de Hesíodo.

Logo, o artigo foi capaz de refletir em cima das representações e identidades femininas, em uma abordagem não essencialista. Ou seja, deduz-se com a seguinte pesquisa que a construção do gênero feminino foi fruto de construção social arquetípica elaborada ao longo do tempo e mediada pela figura do outro - “o ponto zero da humanidade” - o homem branco.

Nesse sentido, Simone de Beauvoir inauguraria uma das frases mais célebres do século XX e até mesmo do século XXI: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A leitura prossegue:

[...] nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo com o Outro. (BEAUVOIR, 2019, p.11)

Faz-se necessário, portanto, cem anos após a construção de tais revistas ilustradas abordadas na pesquisa, e algumas centenas de anos após a construção de mitologias gregas, deliberar sobre tais mediações. Assim como propor rompimentos com os padrões estereotipados de representação da “categoria secundária da espécie”, ou seja, o gênero feminino, tanto em periódicos e revistas, quanto em campanhas publicitárias e livros, como fora deles.

6. Referências Bibliográficas

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. I, 23ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

CUPELLO, Priscila Céspedes. **A Mulher (A) Normal: Representações do feminino em periódicos científicos e revistas legais na cidade do Rio de Janeiro (1925 - 1933)**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/18973/2/168.pdf>.

ELIADE, Mircea. **História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HALUCH, Aline. **A maçã: O design gráfico, as mudanças de comportamento e a representação feminina no início do século XX**. Rio de Janeiro: Senac Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **A imprensa feminina, Revista Feminina. A imprensa feminina no Brasil**. São Paulo: Projeto História, 2007. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2219/1320>

NOGUERA, Renato. **Mulheres e Deusas**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas: O feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2019.

Revista A Maçã, Rio de Janeiro. 1922 e 1925.

Revista Feminina. São Paulo. 1915, 1918, 1919 e 1920.

STAMBOWSKY, Marissa Gorberg. **Belmonte: Caricaturas dos anos 20**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.